
UMA HISTÓRIA DOS PIRATAS: O PRINCÍPIO DA CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DO PIRATA CARIBENHO QUE POVOA O IMAGINÁRIO POPULAR CONTEMPORÂNEO

A HISTORY OF PIRATES: THE PRINCIPLE OF CONSTRUCTION OF STEREOTYPE PIRATE CARIBBEAN IN THE CONTEMPORARY IMAGINARY

Nicássio Martins da Costa
Mestrando em História – Unisinos
nmnicassio@terra.com.br

RESUMO: A construção do estereótipo do pirata caribenho se constrói com a ação de diversos veículos culturais de massa como cinema, literatura, séries televisivas, entre outros. Porém, é possível realizar um trabalho que identifique em que momento se deu o ponto de partida para que se realizassem essas construções. É neste objetivo que este artigo concentra seus esforços, voltando seu enfoque para uma obra oriunda do século XVIII. Tal obra possui um número interessante de peculiaridades que se estendem desde a identificação de seu verdadeiro autor, passam pelos diversos títulos atribuídos por cada editor e terminam nos objetivos pelos quais a mesma foi idealizada e na não concretização destes. Trata-se do livro *A General History of the Pirates*, que recebe em suas duas edições brasileiras os títulos de *Uma História dos Piratas (2008)* e *Piratas: Uma História dos Roubos e Crimes de Piratas Famosos*. Tais publicações dos mesmos textos divergem quanto a sua autoria, se escritos por Daniel Defoe ou pelo misterioso Capitão Charles Johnson do qual não se tem registros históricos. O caminho é analisado de forma breve, porém, procura exemplificar, com obras que partem do século XIX e se difundem popularizando o pirata como personagem de diversas produções contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Pirata. Estereótipo. Ficção.

ABSTRACT: The construction of the stereotype of the Caribbean pirate is built with the action of diverse cultural mass media such as film, literature, television series, among others. However, it is possible to carry out a work to identify at what time it gave the starting point for these constructions were realized. It is on this objective that this article focuses its efforts, turning its focus to a work originating from 18th century. This work has a number of interesting peculiarities that extend from identifying its true author, go through the various titles awarded for each publisher and complete the objectives for which it was designed and not achieving these. This is the book *A General History of the Pirates*, that gets in its two Brazilian editions the following titles: *Uma História dos Piratas (2008)* and *Piratas: Uma História dos Roubos e Crimes de Piratas Famosos*. These publications of the same texts differ as to its authorship, whether written by Daniel Defoe or by the mysterious Captain Charles Johnson which do not have historical records. The path is analyzed briefly, however, seeks to illustrate, with works that depart from the 19th century and diffuse, popularizing the pirate as character of many contemporary productions.

KEY WORDS: Pirate. Stereotyp. Fiction.

A obra *Uma História dos Piratas*: uma breve introdução ao tema

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar uma análise da obra *Uma História dos Piratas*, escrita pelo escritor e jornalista inglês do século XVIII Daniel Defoe, à luz dos referenciais teórico-metodológicos que orientam os estudos que fazem por pluralizar as possibilidades de fontes históricas na construção da historiografia. Esta obra se caracteriza por uma narrativa bastante direcionada à reconstituição da vida de figuras famosas do universo de piratas que povoaram os mares, principalmente caribenhos, durante os séculos XVII e XVIII.

Em relação a esta obra, há outro aspecto que merece ser referido. Trata-se de uma controvérsia quanto a sua real autoria, visto que a mesma compilação de textos, sob o título *Piratas: Uma História Geral dos Roubos e Crimes de Piratas Famosos*, foi lançada por um autor desconhecido Cap. Charles Johnson. Porém, antes de qualquer abordagem sobre esta questão, cabe ressaltar que, diferentemente da compilação, o texto produzido por Defoe revela uma narrativa literária preocupada com a estética e a popularização do texto.

A análise considerará, também, as relações entre história e literatura. Relações que já foram cortadas e reatadas, ao longo dos séculos, influenciadas pelas concepções de história e sobre a escrita da história neles vigentes. Se nos tempos antigos e medievais, eram tratadas praticamente como sinônimos, história e literatura distanciaram-se de forma abrupta, principalmente, durante o século XIX. Com a saturação de modelos, como o positivista, a partir das primeiras décadas do século XX, história e literatura se reaproximaram. Esta reaproximação, então, tornou possível, somados a um conjunto de outros fatores – como a interdisciplinaridade – uma pluralização e aceitação de outras fontes históricas, expandindo, assim, as alternativas do historiador para a construção do texto historiográfico.

(...) no começo do século XIX tornou-se convencional, pelo menos entre os historiadores, identificar a verdade como o fato e considerar a ficção o oposto da verdade, portanto um obstáculo ao entendimento da realidade e não um meio de apreendê-la. A história passou a ser contraposta à ficção, e sobretudo ao romance, como representação do “real” em contraste com a representação do “possível” ou apenas do “imaginável”. E assim nasceu o sonho de um discurso histórico que consistisse tão-somente nas afirmações factualmente exatas sobre um domínio de eventos que eram (ou foram) observáveis em princípio, cujo arranjo na ordem de sua ocorrência original

lhes permitisse determinar com clareza o seu verdadeiro sentido ou significação. (WHITE, 2001, p. 139)

Existem, no entanto, muitos – e necessários – pontos de distinção entre história e literatura, que devem ser observados para que nunca ocorra uma sobreposição ou mesmo uma fusão de disciplinas. Como destaca Loyd Kramer em *Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra*:

A história não pode, por certo, simplesmente competir com a ficção, pois os historiadores devem lidar com o que de fato aconteceu no passado. De acordo com White e LaCapra, porém, a representação contemporânea desse passado pode e deve transpor as fronteiras metodológicas que nossos antepassados positivistas legaram à profissão histórica. (KRAMER, 1992, p. 145)

Uma obra literária, é preciso ressaltar, diferentemente de um texto historiográfico, não tem a preocupação e muito menos o compromisso com a verdade busca uma verossimilhança. Porém, a obra literária não se resume a um texto fantástico, com personagens carismáticos criados para agradar o público alvo. Uma obra deste tipo traz consigo uma série de fatores que podem enriquecer a pesquisa histórica, como se pode constatar em trabalhos que enfocam os contextos nos quais se encaixam tanto a narrativa, quanto o próprio autor: “É essa concepção evolucionária da realidade histórica e do significado que, em última instância, faz da abordagem literária um método tão potencialmente rico de pesquisa histórica” (KRAMER, 1992, p.172).

Será possível observar mais adiante que a obra analisada neste artigo carrega em suas entrelinhas, ou, por vezes, de forma até bastante explícita, diversos traços das opiniões políticas de seu autor, que evidenciam sua posição social e que confirmam o que foi exposto acima. Traços estes que muito contribuem para que se esboce uma possível resposta à controversa questão relativa à autoria dos textos que resultaram na obra *Uma História dos Piratas*.

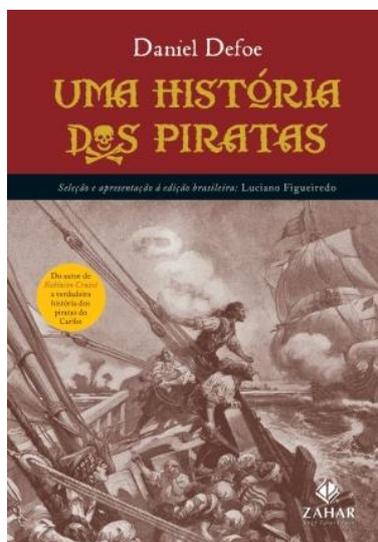
Na continuidade, abordaremos as características dos textos de apresentação das duas obras, a de Daniel Defoe e a de Cap. Charles Johnson, com o propósito de levantar as possíveis explicações para a publicação de uma mesma obra em datas tão próximas e com autores diferentes. Será também nosso objetivo o cotejo desta obra com outras de literatura

ficcional que tratam sobre a mesma temática/atores e períodos históricos, a fim de identificar sua contribuição para a construção de um estereótipo de pirata caribenho.

A controvertida questão da autoria

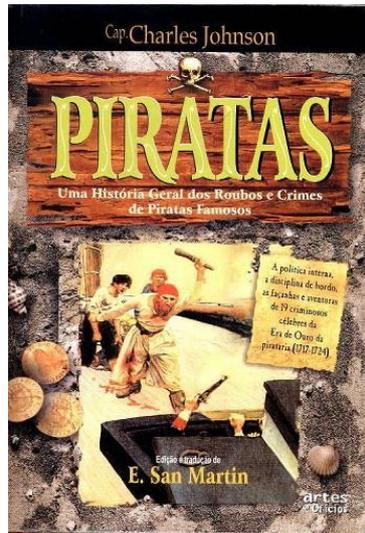
Como já referido, o livro analisado neste artigo apresenta uma peculiaridade. Editoras e pesquisadores divergem sobre sua autoria, isto é, se foi escrito pelo misterioso Cap. Charles Johnson ou pelo famoso escritor e jornalista Daniel Defoe. Os textos aqui discutidos contam com duas adaptações brasileiras, a primeira data do ano de 2003 e intitula-se *Piratas: Uma História dos Roubos e Crimes de Piratas Famosos* e tem sua autoria atribuída ao Cap. Charles Johnson, tendo sido editada e traduzida pelo jornalista Eduardo San Martin. O segundo lançamento deste livro ocorreu no ano de 2009, teve seleção e organização de Luciano Figueiredo (professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense – UFF) e tradução de Roberto Franco Valente. Esta última foi uma compilação de alguns dos textos da obra completa e recebeu o título de *Uma História dos Piratas*. Seguem, abaixo, as imagens digitalizadas das capas dos livros citados:

Edição brasileira organizada por Luciano Figueiredo (2008)



Fonte: Imagem digitalizada da capa do livro original

Edição brasileira organizada por Eduardo San Martín (2003)



Fonte: Imagem digitalizada da capa do livro original

Tanto Eduardo San Martín, quanto Luciano Figueiredo demonstram ter o cuidado de apresentar a obra ao leitor, situando-o em relação ao contexto, aos personagens e, especialmente, em relação aos textos com os quais entrará em contato. No entanto, discordam justamente quanto a esta divergência relativa à autoria da obra original, trazendo exemplos de pesquisas e nomes que já trataram desta questão anteriormente. Em ambas as apresentações, San Martín e Figueiredo ressaltam que os textos que estão sendo publicados, independentemente de seus autores, possuem um caráter extremamente jornalístico, tendencioso, crítico e, ao mesmo tempo, carregam consigo um claro objetivo de seduzir o público com narrativas que vão além do possível, mesmo para o biógrafo mais detalhista. Este aspecto fica evidenciado em uma das notas do texto de apresentação produzido por Luciano Figueiredo, que se encontra em *Uma História dos Piratas*:

O livro original, do qual selecionamos alguns capítulos, nasceu na Inglaterra em 1724 com o quilométrico e sensacionalista título de *História geral dos roubos e assassinatos dos mais conhecidos piratas, e também suas regras, sua disciplina e governo desde o seu surgimento e estabelecimento na ilha de Providence em 1717, até o presente ano de 1724. Com as notáveis ações e aventuras de dois piratas do sexo feminino, Mary Read e Anne Bonny antecedida pela narrativa do famoso capitão Avery e de seus comparsas, seguida da forma como ele morreu na Inglaterra*. Era assinado por certo capitão Charles Johnson, o que ajudou a sustentar a versão de que fora

escrito por um marinheiro ou por um ex-pirata. Isso até os anos 1930, quando foi estabelecida a autoria de ninguém menos que Daniel Defoe (1661?-1731), escritor prolífico de libelos políticos e de algumas obras consagradas, dentre as quais *Robinson Crusóe* (1717). (DEFOE, 2008, p. 7)

Já no texto elaborado por Eduardo San Martin para Piratas: *Uma História dos Roubos e Crimes de Piratas Famosos*, encontramos a seguinte observação:

Esta primeira edição em português atribui *Uma História geral dos crimes e roubos de piratas famosos* ao capitão Charles Johnson, alinhando-se com a mais recente e fidedigna edição inglesa da obra, feita em 1999, por David Cordingly, curador da exposição *Pirates: Facts and Fiction* para os National Maritime Museum de Londres, autor de *Life among the pirates* e outros. De acordo com Cordingly, “temos que abandonar a atraente ideia de que Defoe escreveu a História e procurar o autor em outro lugar. A solução mais óbvia é assumir que o autor foi mesmo esse capitão Johnson de que se tem registro”. Outra hipótese foi levantada pelo historiador Philip Gosse, autor de *History of piracy: capitão Charles Johnson não seria o pseudônimo de um verdadeiro pirata?* O autor, embora insista em condenar aquele modo de vida, demonstra conhecimento em detalhes de métodos, regras e procedimentos da pirataria. (JOHNSON, 2003, p. 10)

Considerando os trechos selecionados e expostos acima é importante ressaltar que em nenhum momento os organizadores destas edições afirmam e apresentam elementos de comprovação sobre a real autoria da obra original. Para Eduardo San Martin, a obra por ele adaptada tem como autor o capitão Charles Johnson, já Luciano Figueiredo conclui que o autor da obra é Daniel Defoe. Figueiredo chega, inclusive, a afirmar que os textos selecionados para a compilação da obra lançada em língua portuguesa provêm de uma adaptação editada por Manuel Schonhorn em 1972 e que para este editor, seu autor era Daniel Defoe. San Martin, por sua vez, propõe que Charles Johnson era, na verdade, um pseudônimo usado por um pirata.

Esta possibilidade nos parece perfeitamente plausível, como também a hipótese de que Charles Johnson pudesse ser um pseudônimo usado pelo próprio Daniel Defoe. Ela ganha força se consideramos que tanto o texto atribuído a Johnson, quanto o de Defoe se caracterizam pelo tom jornalístico e sensacionalista, e, ainda, pela consciência que ele possa ter tido em relação às críticas que a obra poderia vir a receber por tratar de piratas, figuras temidas e, ao mesmo tempo, alvo de condenação social.

Se o debate em torno da questão da real autoria da obra pode ser considerado de menor importância, a descrição extremamente rica das fascinantes trajetórias de piratas parece ter, sem dúvida, uma inegável contribuição para o desvendamento dos processos envolvidos na construção dos estereótipos de pirata e de sua difusão em determinados segmentos sociais. Para os responsáveis por cada uma das edições, o autor da obra original tinha evidentes objetivos ao reconstituir as vidas destes piratas. Segue um trecho do historiador Luciano Figueiredo em *Uma História dos Piratas*:

Se se escondia o autor, eram claros os objetivos do livro: oferecer subsídios críticos bem fundamentados para a política de destruição definitiva dos piratas. Daniel Defoe promove um verdadeiro ajuste de contas com o passado da Inglaterra. O reino que tanto dependera da pirataria, incentivando e patrocinando suas ações nos mares que se abriam com a expansão marítima europeia, tem pressa em exterminá-la quando a situação internacional se redefine no início do século XVIII. Com o fim da Guerra de Sucessão da Espanha e o reconhecimento, pela Paz de Utrecht em 1713, dos direitos das nações europeias sobre o comércio nas Antilhas e América, assiste-se ao refluxo da pirataria. A trajetória dos “pequenos lobos” que outrora frequentavam a corte – como no período de Elizabeth I, quando fustigavam a exclusividade de espanhóis e portugueses na América e na África com os célebres John Hawkins e Francis Drake – converte-se em flagelo. Apesar das ações isoladas, foi determinante a ação repressiva movida pela Inglaterra e a França, defendendo agora o comércio legal e regular por um lado e, por outro, investindo no aperfeiçoamento das defesas dos navios de comércio. (DEFOE, 2008, p. 8)

Já o jornalista Eduardo San Martín ressalta em *Piratas: Uma História dos Roubos e Crimes de Piratas Famosos*, que:

(...) é curioso observar como suas técnicas e vícios na manipulação da informação continuam de uso corrente no jornalismo sensacionalista, devido a sua eficiência para prender a atenção do leitor a qualquer custo, com a inclusão de rumores e “factoides” verificáveis ao lado de citações oficiais e depoimentos pessoais, dando um verniz de veracidade às eventuais “recriações” de diálogos e reflexões de personagens centrais. Tanto em 1700, quanto em 2003, esse tipo de texto “dá leitura” (no jargão jornalístico), com sua linguagem folhetinesca contando casos mirabolantes de proezas e malvadezas de piratas medonhos. São detalhes de cenas brutais e sangrentas de assassinatos, roubos, traições, paixões, mulheres piratas, extravagâncias, sexo, perversões, violência – todos os ingredientes do “thriller” e do

jornalismo popular sensacionalista, que continuam rendosos nichos do mercado editorial do Ocidente. (JOHNSON, 2003, p. 8)

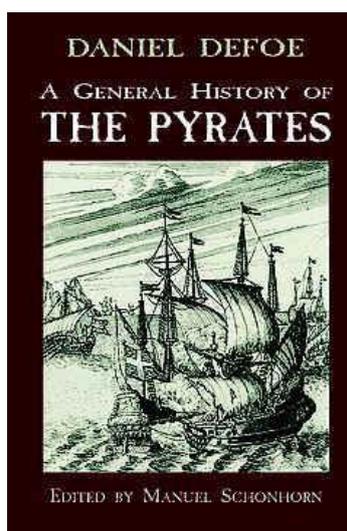
Acreditamos que os trechos acima evidenciam, apesar de terem sido identificados por um historiador e um jornalista, que os objetivos centrais destas narrativas foram, primeiramente, o de denegrir a imagem do pirata, tendo em vista um novo projeto político que vinha se constituindo e, também, o de causar um impacto significativo no público leitor, a partir de um texto de caráter panfletário e sensacionalista. Parece-nos que estes dois objetivos apontados por San Martin e por Figueiredo acabam por nos convencer definitivamente da autoria de Daniel Defoe, que integrava as elites pró-monarquia do período.

Cabem, no entanto, alguns questionamentos quanto ao alcance dos objetivos da obra apontados pelos organizadores das duas edições. O mais importante deles, e sobre o qual nos deteremos na sequência, é se a obra, de fato, contribuiu para que o pirata se tornasse em uma figura hostilizada e para todo o sempre.

A construção do estereótipo do pirata

Para San Martin e Figueiredo, a primeira compilação de textos editada e lançada na íntegra sob a forma de livro foi a de Manuel Schonhorn, e intitula-se *A General History of the Pirates* (1972), título pelo qual optamos e ao qual faremos referências quando tratarmos da obra ao longo do artigo.

A General History of the Pirates, como já mencionado acima, tem propósitos muito bem definidos, sendo um deles o de denegrir a imagem dos piratas, em um momento em que estes já não eram mais um instrumento útil às manobras políticas da Coroa inglesa. Este novo contexto demandou, assim, a marginalização dos piratas, que passaram a ser perseguidos e associados à corrupção e à devassidão moral. É este o momento em que se insere a obra atribuída a Daniel Defoe. Curioso é constatar que com o passar dos anos, esta narrativa, acabaria por despertar a simpatia de leitores e não leitores em relação a estes personagens, a quem homens do início do século XVIII pretenderam difamar.

A capa de *A General History of the Pirates*Fonte: www.awesomestories.com

As histórias de piratas famosos narradas em *A General History of the Pirates* são narradas um tom bastante épico, se caracterizam por frases de efeito, manobras de escape e pela descrição de batalhas marcadas pela violência, por desafios à autoridade, demonstrações de coragem e de audácia por parte dos piratas. Estes são apenas alguns dos ingredientes que tornam sua leitura extremamente instigante e fazem com que os leitores acabem por se identificar com aqueles que deveriam ser combatidos.

Os leitores *A General History of the Pirates*, diferentemente do objetivo de seu autor, passaram a ver os piratas como os verdadeiros e bravos heróis e a condenar os membros da marinha real que os combatiam, os carrascos que os executavam ou a própria Coroa que tentava de todas as formas fazer com que abandonassem suas atividades – quer por meio de perdões, quer através de recompensas:

“Bando de ladrões”, “vermes”, “vagabundos”, “celerados que nada têm de humano”. Parece difícil acreditar que o mesmo autor de definições tão fortes e sinceras a respeito dos piratas tenha também contribuído para ilustrar a aura romântica, heroica e às vezes até libertária que esses personagens viriam a merecer séculos depois. Esse sinal trocado, algo involuntário, é uma das dimensões mais fascinantes da obra que se publica. (DEFOE, 2008, p. 7)

Não são poucos os elementos desta obra que contribuem para que hoje, mais de dois séculos depois de sua escrita, a figura do pirata se mantenha como um personagem que assume a condição de protagonista ou uma posição de destaque em diversas obras literárias e

cinematográficas. Pode-se observar esta significativa alteração em relação a personagens como o *Capitão Jack Sparrow*, da série de filmes *Piratas do Caribe* em *Long John Silver*, o pirata vilão oriundo da obra literária clássica *A Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson. Este último, aliás, rouba a cena em todas as adaptações para o cinema ou para a televisão de *A Ilha do Tesouro*, se tornando um personagem com muito mais destaque do que aquele que surge das páginas da obra de Stevenson.

Certamente, se não diretamente pela repercussão de *A General History of the Pirates* e pelo êxito dos objetivos que a obra pretendia alcançar junto ao público leitor, os piratas foram paulatinamente perdendo sua condição de grande ameaça no cenário das navegações, até sua quase extinção anos em meados do século XIX. A literatura ficcional do século XIX irá apresentar o pirata como um personagem com funções modificadas dentro das obras, aparecendo, por vezes, como um vilão astuto e simpático, como Long John Silver em *A Ilha do Tesouro*, e, em outras, como um grande aliado de um protagonista injustiçado pelas camadas dominantes da sociedade, como Luigi Vampa, em *O Conde de Monte Cristo* de Alexandre Dumas e, em alguns casos, ainda, como um símbolo de uma ação libertária face uma monarquia associada ao autoritarismo e a um regime retrógrado, como na poesia *El Corsario Negro* de Emilio Salgari. Esta última foi destacada por Saúl Jeronimo Romero, em seu artigo *Todos Los Piratas Tienen un Lorito que Habla en Francés*, no qual identifica que a popularização do pirata como personagem está associada à queda de popularidade das monarquias:

(...) es el liberalismo individualista *versus* el antiguo régimen, que era caracterizado por el imperio español, símbolo de la monarquía, del autoritarismo, del abuso del poder, que la leyenda negra divulgaba a los cuatro vientos y todo ello hacía más asequible su asimilación por parte de los lectores. (ROMERO, 2009, p. 56)

A General History of the Pirates nos oferece, portanto, uma narrativa que acaba, mesmo que involuntariamente, não cumprindo seu objetivo de denegrir a imagem do pirata. Por certo, que em diversos momentos da obra são destacadas as infâmias dos piratas biografados, suas covardias e traições, porém, estes momentos da narrativa acabam não causando tanto impacto no leitor quanto os momentos épicos, especialmente, os confrontos navais, que ajudaram a construir um imaginário sobre este ator histórico. Para exemplificar,

selecionamos três trechos da obra que trazem informações sobre a conduta de dois piratas famosos no século XVIII. O primeiro deles é o pirata e ex-corsário William Kid:

Quanto à defesa do capitão Kid, ele insistiu muito na sua inocência e na baixaza de sua tripulação. Declarou ter embarcado investido de uma louvável função, e, uma vez que sua situação era muito boa, não haveria qualquer motivo para ele se dedicar à pirataria. Que com muita frequência os seus homens se armaram contra ele, e fizeram do navio o que bem entenderam. Que ameaçaram matá-lo a tiros em sua cabine, e que de certa feita noventa e cinco homens o abandonaram e incendiaram o navio, tanto que ele não pudera trazê-lo de volta ao seu país, e tampouco as presas que havia capturado, para que fossem devidamente desapropriadas e que, segundo ele, foram tomadas graças a uma autorização de ampla chancela, pois tratava-se de navios franceses. O capitão solicitou a presença de um certo coronel Hewson para depor sobre sua reputação. Esse senhor descreveu-o como homem de extraordinário caráter, declarando ao tribunal que servira sob seu comando, tendo participado com ele de duas batalhas contra os franceses, nas quais ele lutou como jamais vira qualquer outro homem fazer. Que eram apenas o navio de Kid e o seu próprio contra um esquadrão de seis barcos comandados por Monsieur duCass, e que mesmo assim eles levaram a melhor. Porém isso acontecera muitos anos antes dos fatos relatados no processo, e aquele depoimento de nada serviu ao prisioneiro em seu julgamento. (DEFOE, 2008, p. 244)

O segundo a merecer a descrição de Defoe foi Edward Teach, também conhecido com O Barba Negra:

A barba era efetivamente negra, e ele a deixou crescer até um comprimento extravagante. De tão ampla, batia-lhe nos olhos. Costumava amarrá-la com fitas, em pequenos cachos, lembrando as perucas em estilo Ramlies, contornando com eles as orelhas. Quando em ação, ele trazia uma funda sobre os ombros, onde carregava à bandoleira três braçadeiras de pistolas, dentro dos seus coldres. E prendia mechas de fogo no chapéu, de cada lado do rosto, o que lhe dava uma tal figura – que naturalmente já era tão feroz e selvagem, pela expressão do olhar – que não se poderia imaginar uma fúria do próprio inferno mais aterrorizante. (DEFOE, 2008, p. 72)

Alguns aspectos de sua índole e a sua ligação com o Mal fica evidente nesta passagem que descreve os acontecimentos do dia anterior à sua morte em batalha:

Na noite anterior à sua morte, ele se sentou para beber até de manhã com alguns dos seus homens e com o comandante de um navio mercante. Informado que duas chalupas aproximavam-se para atacá-lo, como já observamos antes, um dos homens lhe perguntou se, caso algo lhe

acontecesse durante a batalha, a sua mulher saberia onde ele enterrara o seu dinheiro, ele respondeu que além dele e do diabo ninguém mais sabia, e que quem vivesse mais tempo ficaria com tudo. (DEFOE, 2008, p. 73)

Os trechos transcritos acima narram as duras críticas feitas à moral dos piratas que encontramos em *A General History of the Pirates*. Elas, no entanto, parecem não ter conseguido se sobrepôr às descrições das batalhas épicas e às vestimentas e adereços que os piratas usavam, que mais do que a condenação, promoveram certa identificação e empatia pelo caráter marginal de suas trajetórias.

Considerações Finais

Como se pode observar *A General History of the Pirates* pode ser tratado como um ponto de partida para que se construísse o estereótipo do pirata caribenho que povoa o imaginário popular nos tempos contemporâneos. Pode-se por assim dizer que leitores, não leitores e mesmo consumidores dos mais diversos produtos oriundos dos veículos culturais de massa disponíveis conforme avançam os aspectos tecnológicos acabam, nem que por alguns momentos, tendo contato com descrições de piratas que de certa forma são oriundas desta obra.

Partindo do século XIX, diversos foram os escritores criativos que se valeram da figura do pirata para recheiar, enriquecer e tornar atraentes suas narrativas. Piratas, então, se deslocaram de categoria dentro das concepções das pessoas, passaram de bandidos temidos, homens de honra e coragem duvidosas e objetos de medo para a sociedade como um todo a personagens fantásticos, símbolos preponderantes da liberdade e do sentimento aventureiro. Homens de sagacidade atrativa que ia de encontro a valores já não tão populares quanto já foram um dia assumindo papéis que seus representantes históricos jamais pretenderam e seus tempos de atividade massiva.

Produtos contemporâneos de veículos culturais de massa agem de forma a difundir a popularização do pirata caribenho ao redor do mundo com superproduções cinematográficas como o exemplo de *Piratas do Caribe* dos estúdios Disney. Obras literárias de dois séculos atrás como *A Ilha do Tesouro* e *O Conde de Monte Cristo* recebem adaptações para o cinema, ou mesmo séries para a televisão baseadas em suas narrativas. O estereótipo do pirata

caribenho se enraíza em uma maior velocidade tornando bastante difícil que qualquer indivíduo, quando perguntado sobre as características de um pirata comum, não venha a dar uma resposta de certa forma padronizada. *A General History of the Pirates* não foi o único, mas um dos propulsores dessa construção a partir do momento em que seu autor trai, involuntariamente, os objetivos iniciais de sua obra com uma narrativa instigante e preocupada com a estética. Tal narrativa acaba por popularizar o status de fantástico e provavelmente surreal atribuído ao personagem que pretendia hostilizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEFOE, D. **Uma História dos Piratas**; seleção e apresentação à edição brasileira Luciano Figueiredo, trad. Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2008. 262 p.

DUMAS, A. **O Conde de Monte Cristo**. Trad. André Telles e Rodrigo Lacerda. Zahar, 2012. 1663 p.

JOHNSON, C. **Uma História Geral dos Roubos e Crimes de Piratas Famosos: A Política Interna, a Disciplina de Bordo, as Façanhas e Aventuras de 19 Criminosos Célebres da Era de Ouro da Pirataria, (1717 – 1724)**; trad. Eduardo San Martin, 2ª ed., Porto Alegre RS, Artes e Ofícios, 2004, 430 p.

KRAMER, L. S. **Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra**. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROMERO, S. J. **Todos Los Piratas Tienen Un Lorito Que Habla Em Francês**. Procesos de Transmisión Cultural: La Imagen de los Piratas em la Cultura Popular. In: Revista Fuentes Humanísticas n° 37, 2009.

STEVENSON, R. L. **A Ilha do Tesouro**. Trad. Marco Guimarães e Sônia M. M. Verderese. Hemus, 2014, 189 p.

WHITE, H. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura**; trad. Alípio Correia de Franca Neto 2ª ed. São Paulo; Edusp, 2001. 311 p.

Fontes Eletrônicas

HASKIN, B. **A Ilha do Tesouro**. Estados Unidos, Walt Disney Pictures, 1950, DVD, 88 min.

MARSHALL, R. **Piratas do Caribe: Navegando em Águas Misteriosas**. Produção de Jerry Bruckheimer, direção de Rob Marshall. EUA, Walt Disney Pictures, 2011. DVD, 136 min.

MILLER, S. C. **Treasure Island**. Estados Unidos/ Irlanda, Prime Pictures, 2012, DVD, 145 min.

REYNOLDS, K. **O Conde de Monte Cristo**. Produção de Roger Birnbaum, Gary Barber, Jonathan Glickman, direção de Kevin Reynolds. Ingraterra/EUA, Touchstone Pictures / Spyglass Entertainment, 2001. DVD, 131 min.

VERBINSKI, G. **Piratas do Caribe: A Maldição do Pérola Negra**. Produção de Jerry Bruckheimer, direção de Gore Verbinski. EUA, Walt Disney Pictures, 2003. DVD, 143 min.

VERBINSKI, G. **Piratas do Caribe: O Baú da Morte**. Produção de Jerry Bruckheimer, direção de Gore Verbinski. EUA, Walt Disney Pictures, 2006. DVD, 154 min.

VERBINSKI, G. **Piratas do Caribe: No Fim do Mundo**. Produção de Jerry Bruckheimer, direção de Gore Verbinski. EUA, Walt Disney Pictures, 2007. DVD, 169 min.